

FONTES DE ÁGUA DA ANTIGA VILA DE SÃO MIGUEL: PERCEPÇÃO LOCAL E SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS

Ingrid Arandt¹

Resumo: O artigo trata dos modos antigos de utilização das fontes de água pela população da Vila de São Miguel, entre as décadas de 1940 e 1980, onde possivelmente encontram-se remanescentes das fontes da antiga Redução. O estudo buscou entender os significados atribuídos às fontes de água no período e expõe parte dos resultados da pesquisa *O sistema de captação e abastecimento de água nas Reduções Jesuíticas dos Guarani: O caso de São Miguel Arcanjo* apresentada ao Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural (IPHAN).

Palavras-chave: Patrimônio Cultural. Fontes de água. Percepção local.

Abstract: The article deals with the old ways of using water sources by the population of Vila de São Miguel, between the 1940s and 1980s, where they are possibly remnants of the sources of the old Reduction. The study sought to understand the meanings attributed to water sources in the period and exposes part of the results of the research *The system of water abstraction and water supply in the Guarani Jesuit Reductions: The case of São Miguel Arcanjo* presented to the Professional Masters in Preservation of Cultural Heritage (IPHAN).

Key-words: Cultural Heritage. Reductions. Groundwater sources.

¹ Ingrid Arandt é Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN-PEP/MP) com graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/2008). O mestrado profissional se deu no âmbito do Parque Histórico Nacional das Missões, em São Miguel das Missões, onde participou das atividades de gestão dos Sítios missioneiros (São Lourenço Mártir, São João Batista, São Nicolau e São Miguel Arcanjo). É membro atuante da Associação de Amigos do Patrimônio Histórico e Cultural de Dois Irmãos e ex-conselheira do COMPAC - Conselho Municipal de Patrimônio Cultural e Natural de Dois Irmãos. Atua também na representação IAB-Vale dos Sinos. Realiza trabalhos de consultoria em Gestão do Patrimônio Cultural para municípios, além de projetos de Conservação e Restauro de bens culturais.

Introdução

Os múltiplos olhares e significados atribuídos ao patrimônio das Reduções Jesuíticas dos *Guarani*, ao longo do tempo por diferentes atores, desde os próprios jesuítas, viajantes do século XIX, pesquisadores, escritores e, mais recentemente, os gestores do patrimônio cultural brasileiro e mundial têm buscado respostas sobre os reais interesses da empreitada da Companhia de Jesus na América e suas consequências, possibilitando a produção de conhecimento e uma maior valorização das Reduções, quer em sua dimensão material ou imaterial. Este estudo pretende contribuir com esse processo de valorização, a partir de uma perspectiva que considera, além da materialidade das fontes de água do período missioneiro, a sua representação no presente como parte de um conjunto que caracteriza a experiência histórica missioneira. Pretende-se compreender, através das narrativas presentes nos depoimentos coletados, os modos antigos de utilização das nascentes pela população da Vila de São Miguel², entre as décadas de 1940 e 1980³, e identificar os significados atribuídos à essas fontes de água no período.

Interloquções: fonte oral e fonte de água da antiga Redução

Como pistas para reconhecer o passado, a fonte oral se estabelece também como uma fonte histórica e cria interlocução direta com o objeto de pesquisa: as fontes de água da antiga Vila de São Miguel. Os relatos orais sobre as fontes de água da Vila de São Miguel, embora contribuam para a compreensão do Sistema de captação e abastecimento de água da antiga Redução, até este momento foram pouco exploradas, sem qualquer registro ou verificação. Essa situação abriu a possibilidade de nos apropriarmos das fontes orais para melhor compreendermos a localização de cada sítio das nascentes de água da antiga redução⁴ e também o significado das mesmas para moradores da antiga Vila,

² A Vila de São Miguel foi distrito do município de Santo Ângelo até o ano de 1989 quando se emancipou, tornando-se a cidade de São Miguel das Missões, no estado do Rio Grande do Sul.

³ O recorte temporal a que se propõe o estudo foi definido com base nas datas fornecidas pelos depoentes, cujas vivências nos espaços de fontes de água ocorreram entre as décadas de 1940 e 1980.

⁴ Segundo estudos desenvolvidos pela *Zanettini Arqueologia* e a partir de visitas técnicas de arqueólogos do IPHAN a algumas nascentes no entorno do Sítio Histórico de São Miguel, as nascentes de número 2, 3, 4 e 5, conforme mapa da Figura 1, apresentam evidências de estruturas de pedras, possivelmente do período missioneiro.

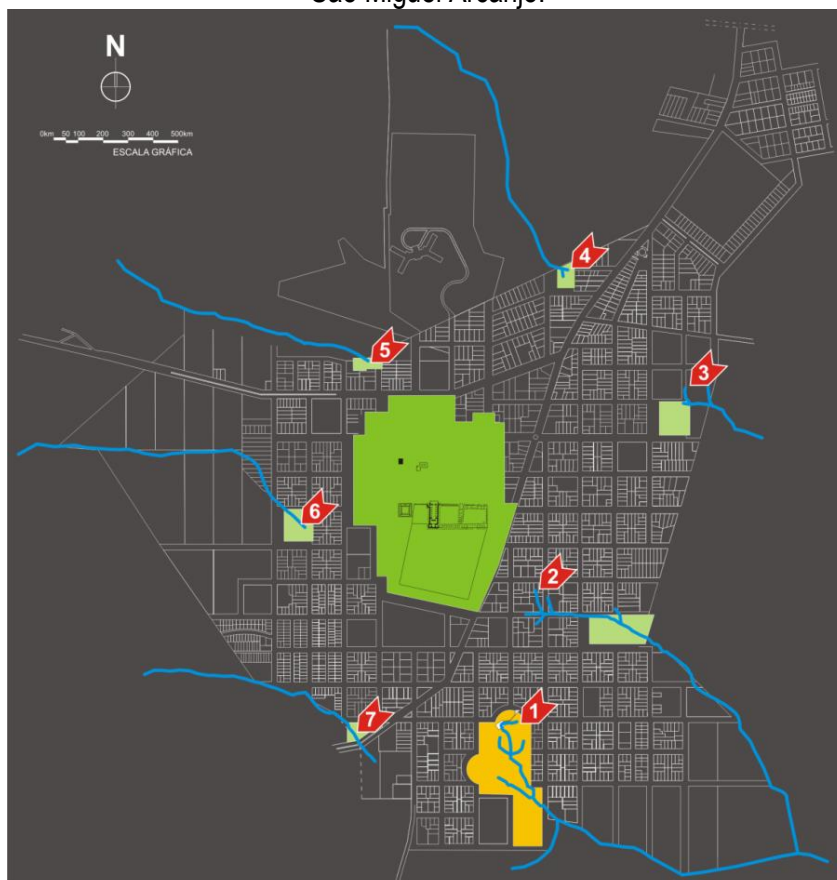
hoje cidade de São Miguel das Missões. Tendo por base estudos realizados no Parque da Fonte Missioneira⁵ e a pesquisa sobre os modos antigos de utilização das nascentes pela população da Vila de São Miguel entre as décadas de 1940 e 1980, buscou-se entender os significados atribuídos às fontes de água no período.

A partir do contato direto com a comunidade local constatou-se que várias pessoas fizeram ou fazem uso das fontes de água de São Miguel para lavar roupa ou buscar água para consumo, sendo, portanto, os indivíduos indicados como capazes de nos ajudar a identificar nascentes na área. O mapa a seguir servirá de base na localização das fontes de água indicadas⁶ pelos entrevistados durante o presente texto. A fonte nº 1 trata-se do Parque da Fonte Missioneira, delimitado em laranja. Em verde, delimitação do Sítio Histórico São Miguel Arcanjo e em branco o traçado urbano da cidade de São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul.

⁵ Na década de 1980, a partir da descoberta fortuita da fonte sul da Redução de São Miguel Arcanjo a área passou, progressivamente, a ser objeto de estudos, escavações e prospecções arqueológicas, ações que resultaram na criação do *Parque da Fonte Missioneira*. Essa denominação surgiu a partir das discussões e dos trabalhos desenvolvidos nesta área. Segundo o arqueólogo do IPHAN/RS, Tobias V. de Moraes, em entrevista concedida a autora em 28/09/2014, a denominação de Parque estaria ligada a um processo de construção da memória daquela comunidade. Segundo o arquiteto do IPHAN Vladimir Stello, atualmente servidor no Escritório Técnico do município de Laguna (SC) e ex-chefe do ET São Miguel das Missões-IPHAN/RS, o nome *Parque da Fonte Missioneira* se deve ao fato de que “no local existe uma das fontes construídas na época das reduções jesuíticas dos *Guarani*.” (Entrevista concedida a autora em 02/10/2014 via correio eletrônico). Nesse artigo utilizaremos *Parque da Fonte Missioneira* em itálico, para indicar que o nome foi criado pela municipalidade em conjunto com técnicos do IPHAN e que se trata do nome dado à área cercada e de propriedade da Prefeitura Municipal de São Miguel das Missões. Nos arquivos da Prefeitura Municipal não encontramos nenhuma legislação de criação desse parque.

⁶ À exceção do *Parque da Fonte Missioneira* (fonte nº 1- figura 1) e da “*fonte do Guarani*” (fonte nº4-figura 1), não há senso-comum na denominação das demais fontes, sendo elas referidas nos depoimentos das mais diversas formas, na maioria das vezes indicada como sendo perto da casa de alguém ou de algum local público.

Figura 1 - Localização das fontes de água no entorno da redução de São Miguel Arcanjo.



Fonte: Acervo do IPHAN/RS. Edição do desenho: Ingrid Arandt-Março de 2016.

As entrevistas, para Verena Alberti (2004, p.1), “são uma forma de nos aproximarmos da realidade (do passado e do presente)”⁷. Em um primeiro momento, o uso da fonte oral tinha como propósito uma abordagem investigativa, especialmente no que se referia à estrutura física das fontes. À medida que as entrevistas ocorriam e que as histórias eram contadas, percebemos que os depoimentos forneciam informações para além da constituição física das estruturas das fontes; informavam também sobre os modos antigos de utilização das nascentes de água e, com isso, sobre os modos de vida da população na Vila de São Miguel entre as décadas de 1940 e 1980, especialmente sobre a importância das nascentes para aquela comunidade no período.

⁷ Segundo ALBERTI (2003), as entrevistas também possibilitam conhecer o presente, sendo um método amplamente difundido nas ciências sociais.

O Manual de História Oral de Verena Alberti (2003) serviu como embasamento teórico-metodológico para a aplicação das entrevistas⁸, desde a própria escolha do método de entrevistas, passando pela metodologia de escolha dos depoentes, do número de entrevistados, do tipo de entrevista a ser aplicada, da elaboração do roteiro de entrevista, da importância do caderno de campo, da transcrição até o momento de estudo das narrativas presentes nos depoimentos.

A escolha dos entrevistados foi guiada pelo objetivo da pesquisa, o que determinou que o depoente devesse conhecer ou indicar pessoas que utilizavam as fontes de água. A lista de entrevistados foi dividida em dois grupos: 1) Grupo dos Indicadores: pessoas que designaram possíveis entrevistados que usavam as fontes de água, com roteiro de entrevista elaborado em caráter curto e exploratório. 2) Grupo de Usuários: pessoas que utilizam ou utilizaram as nascentes de água localizadas na cidade de São Miguel das Missões. Um aspecto importante para a seleção dos integrantes deste grupo provém do fato de São Miguel das Missões ser uma cidade de pequeno porte, facilitando o contato com os mesmos.⁹

Em relação ao número de entrevistados do segundo grupo, estes foram determinados conforme indicações do primeiro grupo. Os próprios integrantes do segundo grupo indicaram novos nomes para possíveis entrevistas e isso foi considerado¹⁰. Portanto, o número de entrevistados foi balizado pelo número de horas apropriadas ao cronograma da pesquisa. O grau de informação contido em cada depoimento definiu a necessidade de uma nova entrevista em alguns casos. A escolha do tipo de entrevista foi temática e tratou prioritariamente da participação e vivência do entrevistado como usuário das fontes d'água. A biografia dos entrevistados teve relevância na medida em que cada um deles, de alguma forma, vivenciou ou testemunhou o uso das fontes d'água.

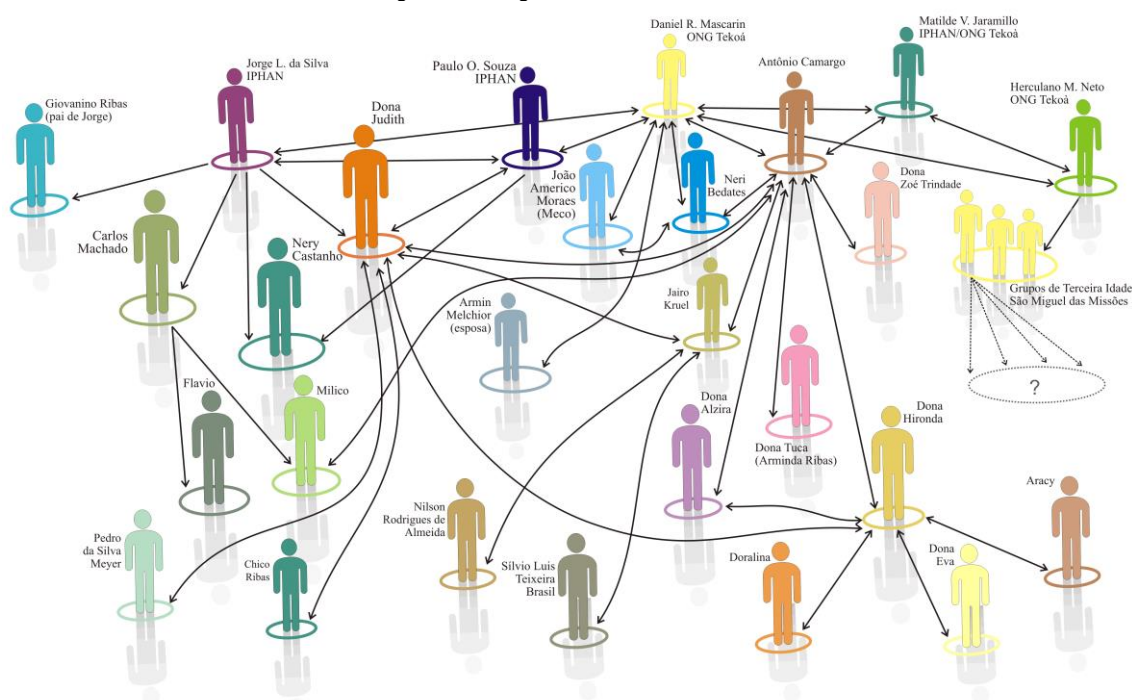
⁸ Os áudios, as transcrições, as fichas técnicas e os documentos de cessão de direito das entrevistas estão arquivados no Escritório Técnico de São Miguel das Missões do IPHAN/RS.

⁹ Após coleta e análise dos depoimentos, o Grupo dos Indicadores, que inicialmente havia sido estabelecido para sugerir os indivíduos a entrevistar no Grupo dos Usuários, acabou revelando que muitos de seus membros também utilizavam ou conheciam as estruturas de pedras existentes em algumas nascentes e que o número de pessoas que também utilizavam ou sabiam de histórias das fontes de água de São Miguel era expressivo.

¹⁰ O uso de entrevistas como fonte de pesquisa é parte da investigação do objeto de estudo sem necessariamente, de acordo com Alberti (2013) criar um acervo de depoimentos.

Para a sistematização das informações sobre indicados para entrevistas foi criado um Infográfico, mostrado a seguir, permitindo apresentar, de forma visual, a rede de inter-relações dos depoentes, seja ela familiar, social ou de trabalho.

Figura 2. Infográfico das entrevistas.



Fonte: Acervo do IPHAN/RS. Desenho: Ingrid Arandt-Março de 2016.

Esse tipo de informação também poderá fomentar a pesquisa da memória oral da comunidade de São Miguel, ainda pouco explorada. No infográfico também foi possível visualizar os indicados mais recorrentes para entrevista evidenciando maior confiança na fonte de informação.

Narrativas: as fontes de água na antiga Vila de São Miguel

De acordo com Walter Benjamin (1994, p.198) ao contar uma história o narrador passa a sua experiência, ou a de outros, “de boca em boca”, sendo esta a sua fonte essencial e, no momento que essa narrativa é escrita, julga as melhores como sendo aquelas que “menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.” Para ele (1994, p.213): “Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia.”. Com base em Benjamin, percebemos que as narrativas dos

entrevistados criavam os cenários dos acontecimentos, onde estavam presentes as emoções vividas com todas suas singularidades.

Abordaremos aquelas que se destacaram para a nossa pesquisa, o que não significa dizer que essa proposição é exclusiva, ao contrário, elas podem suscitar diversas interpretações. As narrativas são construídas a partir do ato de contar histórias e, para Walter Benjamin contar histórias “sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história” (1994, p.205). Assim, ao buscarmos esses depoimentos, procuramos melhor entender o passado, não no sentido de “conhecê-lo como ele de fato foi”¹¹, mas na intenção de refletir sobre as lembranças dos nossos narradores.

Logo após a realização das primeiras entrevistas o material coletado se mostrou bastante interessante à análise. É o caso do relato de um dos depoentes que mencionou uma vertente com um tanque de pedra. Ao descrever os detalhes dessa estrutura física, percebemos que alguns elementos se constituíram a partir da sua imaginação, pois ao utilizar a palavra “seria”, ele estava apresentando uma hipótese: “E eu mesmo descobri ao lado da fonte¹² alguns vestígios de um tanque. O fundo dele seria de pedra de arenito!”¹³. Essa informação é possivelmente fruto de sua experiência de vida. Como citado por ele¹⁴, ouvia histórias de que o fundo do lago que existia no atual Parque da Fonte Missioneira¹⁵ “seria” todo em pedra de arenito. Ao descrever a sua rotina de ida ao trabalho, o depoente também confirmou que os espaços das fontes estavam presentes na vida cotidiana da comunidade que ali vivia¹⁶:

[...] na época, eu trabalhava na antiga COTRISA¹⁷, aqui em São Miguel, eu fazia o trajeto a pé [...] eu passava ao *ladinho* da fonte¹⁸ e muitas vezes ela estava lavando roupa! [...] não tinha água encanada e ela vinha com a bacia para lavar essa roupa! [...] eu residia bem próximo da fonte, há uns 25 anos atrás. Tem um matagal ali, tem umas vertentes [...] Seria uma das vertentes, que abastecia o povoado da época.

¹¹ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.224.

¹² O depoente está se referindo à fonte de nº2 - figura 1.

¹³ Fala do depoente Jorge Luis Lima da Silva.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Fonte de nº 1-figura 1.

¹⁶ Neste trecho do depoimento o entrevistado se refere à fonte de nº 2 - figura 1.

¹⁷ Cooperativa Triticola Regional de Santo Ângelo/RS – COTRISA.

¹⁸ Fonte nº 2 (figura 1).

(Jorge Luís Lima da Silva)

Os entrevistados demonstraram ter um amplo conhecimento sobre as fontes, indicando seus locais de implantação e os possíveis caminhos de acesso. A apreensão pelos entrevistados dos espaços das fontes resulta de suas diferentes necessidades e experiências de vida, sejam profissionais ou pessoais, e todos pareceram ter certo orgulho nisso. Nas falas de todos era curiosa a certeza de que existem vestígios arqueológicos de fontes nas sete nascentes, mesmo que na maioria delas não tenha sido realizado nenhum trabalho de “exploração”, como dito por um dos depoentes:

Eu conheço praticamente todas! [...] tem uma aqui, a leste da cidade, próxima à sede da Associação dos Funcionários, a AFUSAM¹⁹. Essa foi já do meu período de trabalho na Prefeitura que eu as conheci pessoalmente, todas elas! Tem uma lá próxima à Pousada das Missões, abaixo²⁰. Aqui, em frente ao sítio, próximo à secretaria de obras também tem outra²¹ e atrás do escritório do IPHAN²². Então, na realidade, elas são sete nascentes, e todas elas têm algum vestígio de fonte!

(Daniel Rech Mascarin)

Tu podes descer ali e podes descer por lá! Daí tem aquela atrás da Secretaria de Obras e dizem que lá era uma das fontes²³ que nunca foi explorada, nunca foi aberto nada! Mas tá lá visível para quem quiser ver! Depois tem essa aqui para baixo da Pousada.²⁴ As pessoas ali usavam para lavar roupa. Até piquenique tinha gente que fazia ali! E tem essa outra aqui, atrás do escritório²⁵. Que também não foi explorada, não foi feito nenhum trabalho para tentar descobrir mais coisas.

Eu até tive o privilégio de, no segundo dia, quando descobriram... Foi um tio meu que era subprefeito na época, o Neri Castanha. Desceram ali para fazer uma limpeza e daí começou a aparecer os tanques, o começo da estrutura. Na época eu era guri e descí lá para olhar! Todo mundo ia olhar. Então eu posso dizer que eu vi o tanque desde quando foi descoberto!²⁶

(Paulo Amauri Oliveira Souza)

¹⁹ Fonte nº 3 (figura 1).

²⁰ Fonte nº 6 (figura 1).

²¹ Fonte nº 5 (figura 1).

²² Fonte nº 2 (figura 1).

²³ Fonte nº 5 (figura 1).

²⁴ Fonte nº 6 (figura 1).

²⁵ Fonte nº 2 (figura 1).

²⁶ Fonte nº 1 (figura 1).

As nascentes naquele momento de desenvolvimento da Vila de São Miguel eram parte da vida da comunidade. A água que vertia das nascentes atendia as necessidades diárias de consumo. Para a vida cotidiana da casa:

A gente buscava lá a água para eles usarem ali na casa, no dia a dia. [...] porque naquela época, em setenta, setenta e um, era mínimo de moradores aqui (cerca de 300 habitantes) [...] dava pra você contar as casas que existiam. [...] Não existia saneamento, água encanada, nada. Então existia essa fonte²⁷ ali que era perto de onde meu avô morava. [...] a gente buscava água lá em balde. [...] Naquela época não existia tanque, essas coisas na casa, então o pessoal lavava em fontes, lavava roupas. [...] Todos os dias, todos os dias tínhamos que estar lá. E tinha duas ou três casas para cima que usavam essa água, que iam buscar essa água. [...] não tinha poços, era pouca gente que tinha poços, não existia. Então... eu conheci aquela fonte. Porque ela era um tipo de um poço com uma vertente de água corrente, então o pessoal pegava água dali para usar, para alimentação, tudo era dali!

(Jairo Cesar de Almeida Kruel)

Para as necessidades do trabalho, como dar água para o gado beber, o Sr. Giovanino Ribas da Silva descreve: “Vim em setenta e nove e cavei um buraco pra fazer um bebedouro para as éguas e vacas que eu tinha uma, então tinham que beber água. Eu cavouquei, tinha um banhado e fui fazer um bebedouro. Cavouquei, e tinha aquela laje lá embaixo, não era barro!”. Ou para lavar os cavalos após uma *campereada*²⁸ como relata o Sr. Neri Soares Bedates: “Mas o *pai do Meco*, aqueles iam conosco! Eram meus primos e nós trabalhávamos juntos, nós *campereávamos juntos*, e nas *campereadas* que nós lavávamos os cavalos ali!”.²⁹

O uso também podia ser para o simples lazer da garotada, como relata o Sr. Jairo Cesar de Almeida Kruel: “No tempo de guri a gente passava por ali, não existia aquela escavação, foi feita bem depois. Tinha um tipo também de um açude com água, a gente usava para tomar banho”;³⁰ e como relata do Sr. Paulo Amauri Oliveira Souza: “Esta aqui ao norte, próxima à entrada de São Miguel das Missões, algumas informações do pessoal que se criou aqui em São Miguel. Que eles iam tomar banho dentro desta fonte”.³¹

Alguns dados coletados nos permitiram verificar as semelhanças entre as estruturas físicas das nascentes. Também foi possível confrontar as informações de diferentes depoentes,

²⁷ O depoente se refere à fonte nº 4 (figura 1).

²⁸ O termo *campereada* vem do verbo *caperear* ou *campeirar* e significa sair a cavalo pelo campo em procura ou tratamento do gado, percorrer um campo para observar se os animais estão bem, verificando se algum animal (vaca, boi, terneiro, ovelha) está doente, se a vaca está de cria, verificar como está o terneiro, fazer contagem e marcação do gado (NUNES, Zeno Cardoso. Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul. 8ª Edição. Porto Alegre, Martins Livreiro: 1996. p.85).

²⁹ Os dois depoentes se referem à fonte nº 1 (figura 1).

³⁰ O depoente se refere à fonte nº 1 (figura 1).

³¹ O depoente se refere à fonte nº 4 (figura 1).

quando se referiam a uma mesma nascente, como é o caso da fonte nº04 (figura 1), muitas vezes referida nos relatos como “a fonte do Guarani”³². A estrutura física dessa fonte foi descrita com muitos detalhes e os relatos de dois depoentes apresentaram semelhança, quando se referiam a uma estrutura circular, denominada por eles de “pocinho” ou “pipinha”. O Sr. Jairo Cesar de Almeida Kruehl relata: “Tem a vertente, esse “pocinho” que tinha que a gente tirava água, hoje eu não localizei. Tinha mais uma parte que o pessoal usava para lavar roupa!” Já a Dona Hironдина de Almeida Moraes lembra as estruturas com riqueza de detalhes:

Para baixo... dessa “pipinha” que eles diziam! Eles chamavam de *pipinha*! Parecia um tubo daqueles que colocam nas estradas... Era parecido, mas era pedra! E no costado dela tinha um tanque, no chão assim! Um alturinha assim mais ou menos³³! E ali que nós lavávamos a roupa! E aquela água vinha da *pipinha*, caía ali naquele tanque! Sempre correndo, a água suja ia saindo, quando lavávamos a roupa! Descia água abaixo e se ia!

Mas então é a tal de *pipinha*! Porque a outra... o tanque que nós chamávamos era *quadrado*! E daí levava as tábuas, do tempo que lavavam roupa de joelho! Naquele tempo era assim! Não existia muito... Essa parte redonda é a tal de *pipinha*! Então, daquela pipinha ali... vinha água para o tanque! Sempre estava correndo aquela água *bem limpinha* ali! E do tanque, quando enchia, tinha uma “canaletazinha” assim que saía aquela água suja e ia saindo para lá...

(Hironдина de Almeida Moraes, grifo nosso)

A figura a seguir registra a fonte nº4, denominada como “fonte do Guarani”. A estrutura de pedra apresenta cortes a 90° na pedra, indicando a forma de um pequeno tanque. Também apresenta cortes circulares, indicando o que os depoentes chamaram de “pipinha”.

Figura 3. À esquerda, conjunto da fonte e à direita ampliação do tanque circular (fonte nº4 - figura 1).



Foto: Ingrid Arandt. Acervo IPHAN/RS.

³² A “fonte do Guarani” se localiza atrás do Restaurante Guarani, na entrada do centro urbano da cidade de São Miguel das Missões, ao norte do perímetro urbano. No mapa da figura 1 essa nascente está identificada como nº4.

³³ Nesse momento o depoente fez um gesto com as duas mãos tentando mostrar a altura do tanque, em torno de 20 centímetros.

Em relação às estruturas do Parque da Fonte Missioneira, o Relatório Final do Programa Fonte Missioneira – Recursos hídricos nas Missões (ZANETTINI, 2009) levanta a hipótese³⁴ de existência de uma cobertura sobre o tanque da fonte, devido à grande quantidade de telhas encontradas nas prospecções arqueológicas.

Nos relatos de dois entrevistados encontramos referência a essa cobertura, referida na descrição da fonte nº1 (figura 1) e da fonte nº4 (figura 1), respectivamente:

Era em cima daquele, aquilo lá tem um... Era uma coisa, meia-água coisa aqui... Lá tem a laje embaixo, na fonte essa cobertura era por cima assim, com telha de barro,... Depois caiu e eu me lembro de que a coberta estava caindo... e quebrou tudo e eles limparam.

(Giovanino Ribas da Silva, grifo nosso)

E ali tinha um... tipo de uma casinha... Mais para lá da pipinha,... Ali deveria ser um tanque também! Era um tanque! Coberto de... só não era fechado! Tinha lá, mas eu não cheguei a ver a água ali! Mas tinha, feito de pedra também! Tinha uma “cobertinha”!³⁵

(Hirondina de Almeida Moraes, grifo nosso)

Os relatos também informam sobre a ocorrência de uma grande seca, nos anos 1940, quando as fontes de água³⁶ cumpriram o papel fundamental no abastecimento da comunidade:

[...] Parece que foi em 1942, 1943, por aí, que deu uma seca de seis meses. [...] Tudo secou e não tinha água mais! Então tinha um poço ali que nunca secou! Nós puxávamos um pouco dali e outro pouco de lá dessa... Agora eu me lembrei do... *Lavavam roupa* lá também... É um tipo de um tanque também assim, tipo uma cachoeira, uma coisa! Mas tinha um negócio assim, parecia um tanque de pedra também. *Mas é um enorme de grande!* Não sei se ainda está daquele jeito! Ah, era fundo! Eu lembro também! Lavavam roupa, era para lá do compadre Nilson um pouco... Dali, nós morávamos ali onde é... o Guarani, por ali! Nós puxávamos água lá do... Para o gasto, assim! (...) Era uma água limpa, tipo a da *pipinha* mesmo! Tinha uma cachoeirinha! Agora eu não sei! Faz muitos anos!

(Hirondina de Almeida Moraes)

³⁴ Esta hipótese não é confirmada no mesmo Relatório Final (ZANETTINI, 2009).

³⁵ O depoente se refere à existência de uma cobertura sobre a estrutura da fonte.

³⁶ No relato a depoente se refere à fonte nº3-figura 1, onde foram encontradas estruturas físicas na forma de muros, parecendo indicar um tanque ou uma área de represamento. A depoente se refere à um tanque de pedra que existia nessa fonte.

Quando nos referimos ao *Parque da Fonte Missioneira*, os relatos trouxeram informações da ocasião de sua descoberta:

[...] eu o ouvi falando que sabia, pelos antigos moradores que contaram para ele, que tinha *um grande açude calçado* próximo de onde está essa fonte, a atual fonte. Então ele iria fazer uma limpeza, para que se fizesse realmente um açude, para que os turistas pudessem ir lá tomar um banho. E foi aí que ele começou a limpeza do local e nessa limpeza logo que apareceu... o IPHAN tomou conhecimento e parou com a obra da forma como estava sendo feita. Para que fosse feito um trabalho, lógico, com arqueólogos. Então... Tomou o jeito da fonte que tem hoje! Baseado nesse trabalho dos arqueólogos. E com isso a imprensa de todo o estado fez uma *ampla* divulgação, dessa descoberta, e *muitas* pessoas, *muitas* mesmo, vieram para visitar!

(Antônio Camargo da Silva)

E depois eu sempre ia lá, porque teve uma época que um senhor aqui da cidade tinha um bar lá! Colocou um bar para vender coisas para os turistas que iam lá... Porque na época era novidade, tinha bastante movimento.

(Herculano de Medeiros Neto)

Nos relatos permeia a noção de abandono desses espaços, não um abandono no sentido de descuido ou negligência, mas no sentido de render-se, entregar-se. É como se as fontes, que outrora representaram a vida daquela comunidade pelo uso que faziam delas, com tempo, estivessem se perdendo:

E o que eu acho que eles tinham que fazer era arrumar melhor... aquela água ali, por que ali vem muito turista, leva água pra tomar... e aquela água ali não é, não tem um abrigo pra não cair essas folhas, essas coisas assim... isso devia de ter, ser mais cuidado.

(Giovanino Ribas da Silva, grifo nosso)

É! *Lá para o fundo*, mais para o fundo! Mas está ruim de ir, porque o mato tomou conta ali! (...) **Tem os tanques de pedra ali, que hoje está tudo coberto. Ficou abandonado, ficou... só fecharam, mas não zelaram mais por aquilo ali.** Se não tivessem descoberto estava mais reservada, a fonte. Foi descoberto e foi estragada alguma coisa ali!

(Paulo Amauri Oliveira Souza, grifo nosso)

Em oposição à ideia de abandono, alguns relatos valorizam os espaços das nascentes de água e indicam de que forma poderiam ser incorporados ao traçado urbano atual. Isso porque, apesar de terem sido definidas como praças, à exceção do *Parque da Fonte Missioneira*, não são usadas como tal. A ideia de qualificação do conjunto das sete fontes para uso turístico está muito presente nos depoimentos, inclusive pela importância dessa ação para o município:

Olha, seria assim um grande passo! Grande mesmo! Nós temos essa dificuldade, atualmente, que os atrativos que nós temos hoje, às vezes, não se consegue segurar muito tempo, a permanência do turista. **Mas as fontes seriam mais um grande atrativo.** Que poderia ser feito, que **tem muitas formas de fazer esse conhecimento. Pode ser feito como caminhada, como bicicleta, quem sabe... Outras formas de passeios e com isso ter uma permanência bem maior do turista no lugar! Então acho que seria muito bom, para todos.**

(Antônio Camargo da Silva, grifo nosso)

Eu acho que é um parque³⁷ que poderia ter mais investimentos, mais atrativos. **Inclusive acho que ele poderia ser um conjunto maior.** Inclusive, esse *Projeto Igapira* partiu disso. **A ideia era tentar juntar essas sete fontes missioneiras, tendo como atrativo principal aquela estrutura que tem lá. E tu fazeres um circuito turístico! Nessas sete fontes. Seria um parque municipal!**

(Herculano de Medeiros Neto, grifo nosso)

Ao ouvirmos os depoentes sobre a necessidade de que algo seja feito para qualificação dos espaços de fontes e sobre a importância das pessoas os conhecerem, demonstrando certa ansiedade em relação a essa situação, pensamos na afirmação de Walter Benjamin (1994:200), em que a verdadeira narrativa traz em si uma “dimensão utilitária”, na qual estaria presente um “ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida - de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos”. Existe, no relato a seguir, a ideia de preservação, decorrente da importância daquele espaço na vida daquela pessoa e, também, de um desejo pessoal: “Eu gostaria de ter *explorado* mais esse lugares! Se eu fosse guri teria corrido mais a essas fontes e explorado outros lugares também.”³⁸

Para outros, a ideia de preservação atrelada à ideia de *patrimonialização* é bastante clara, quando os depoentes se referem ao *Parque da Fonte Missioneira*:

Eu acho que tem uma importância muito grande para São Miguel. No meu ponto de vista, está abandonado. Eu acho que deveriam ser expostas as estruturas existentes lá para transformá-lo num ponto turístico de maior importância. **Que seja dada a importância a ele, que ele tem!**

(Daniel Rech Mascarim, grifo nosso)

Então aquilo ali é um **valor histórico quase como o templo aqui, a igreja! Porque era ocupado por eles também.** Então, na minha maneira de ver, é muito bonito e **além de ser bonito é histórico.**

(Paulo Amauri Oliveira Souza, grifo nosso)

³⁷ Referindo-se ao Parque da Fonte Missioneira.

³⁸ Depoimento de Dona Judith Garcia dos Santos.

Segundo Benjamin (1994:213), “independentemente do papel elementar que a narrativa desempenha no patrimônio da humanidade, são múltiplos os conceitos através dos quais seus frutos podem ser colhidos”. Ainda que as narrativas aqui apresentadas tenham seus significados fortemente imbricados com o tema da pesquisa e que possam ter sido filtradas pelo fato de estarem sendo ouvidas por uma pesquisadora identificada com a instituição de preservação, a expressão de Walter Benjamin destacada acima interessa porque, todas as atividades, os comportamentos, as práticas, os costumes, os hábitos e as rotinas, expostos pelos entrevistados, têm significados que traduzem a forma como aquele grupo de pessoas da Vila de São Miguel vivenciou ou vivencia o mundo.

O conhecimento das experiências dessas pessoas e de suas memórias e a reflexão sobre seus possíveis significados nos forneceram referências fundamentais para buscar compreender a identidade local, que tem como uma de suas bases a interdependência entre as fontes missionárias e suas vidas. Ainda que o nosso recorte de dez depoimentos possa parecer restrito, a narrativa dos depoentes mostrou que já ocorre um processo de valorização das nascentes em nível local. Isso pode ser afirmado com base na relação que os depoentes estabelecem com os espaços e estruturas de fontes. Os depoimentos colhidos evidenciaram um sentimento de pertencimento; cada entrevistado, ao seu modo, narrou como se sente parte daquele lugar – São Miguel, como os espaços das fontes lhes pertencem e, como cada um deles acredita poder interferir naqueles espaços, valorizando-os.

As informações coletadas nos depoimentos também nos fizeram refletir sobre a similaridade de uso das fontes em dois momentos históricos distintos (Redução e Vila de São Miguel), destacando-se alguns, como: lavar roupa, tomar banho, seja para higiene ou lazer, buscar água para consumo humano e também como bebedouro para os animais.

É importante reivindicar que o registro dos relatos orais dessa pesquisa tenha continuidade. Entendemos ser de extrema importância a ampliação e aprofundamento desse estudo por historiadores, sociólogos e antropólogos, com a finalidade de verificar as relações entre os habitantes de São Miguel e a experiência das Missões e em que medida as fontes de água são elos entre eles e a história das Missões Jesuíticas dos Guarani. Também cabe destacar que, o discurso formal, do Estado, no processo de patrimonialização, difere do discurso informal dos depoimentos dos habitantes de São Miguel, de cunho afetivo. Nesse sentido, o processo local e coletivo de patrimonialização pode ajudar na atualização das leituras preservacionistas oficiais.

Vale destacar que no que se refere à representatividade dos espaços de fontes para os *Guarani*, consideramos de extrema importância que sejam realizados estudos mais aprofundados

por antropólogos e sociólogos, relativos ao sítio da Fonte Missioneira, local de ocupação tradicional para os *Guarani*, com vistas a preservação e valorização desse sítio, também, em sua dimensão imaterial. Estudos mais aprofundados possibilitarão o reconhecimento da dimensão simbólica das fontes de água para os Guarani-Mbyà, especialmente da comunidade Tekoá Koenju, pois a área do Parque da Fonte Missioneira foi o primeiro local destinado a esse grupo quando retornaram a São Miguel das Missões, na década de 1990.

Referências

ALBERTI, Verena. **Narrativas na História Oral**. ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História. João Pessoa: 2003. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.681.pdf>. Acesso em: 15/06/2017.

_____. **Ouvir contar: textos em história oral**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: editora FGV, 2004.

_____. **Manual de história oral**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2013. 386p.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

ZANETTINI Arqueologia. **Relatório Final do Programa de Prospecções Arqueológicas do Parque da Fonte Missioneira**. Porto Alegre: 2009. Arquivo do Escritório Técnico São Miguel das Missões-IPHAN/RS.

Arquivo do IPHAN/RS – Porto Alegre:

- Documentação técnica: Arquivo do IPHAN-RS, Acervo Técnico Arqueologia. Processo 01512.000491/2008-47, assunto “**Programa Arqueológico: Fonte Missioneira – São Miguel das Missões / RS**”. Caixa 2008/20.
- Documentação técnica: Arquivo do IPHAN-RS, Acervo Técnico Arqueologia, Caixa CX SMA 1. **Lauda Ambiental e Estudos Arqueológicos referentes à área destinada à implantação do “Parque Arqueológico da Fonte Missioneira”**. São Miguel das Missões: dezembro de 1995.

Arquivo do Escritório Técnico de São Miguel das Missões-IPHAN/RS:

- Documentação técnica: Arquivo Digital do Escritório Técnico São Miguel das Missões-IPHAN-RS. Relatório de Visita Técnica 008/2012. **Assunto: Visita técnica às fontes missioneiras não registradas**.

Arquivo Central do IPHAN - Rio de Janeiro:

- ACI/RJ. Série Inventário. Caixa 0576. Pasta 01. Envelope 02. **São Miguel das Missões, RS. Chafariz. [Memorando nº252/85 – DTC/SPHAN]**. De Cristina Sá para Regina Pinheiro. Rio de Janeiro: 29 de abril de 1985.
- ACI/RJ. Série Inventário. Caixa 0576. Pasta 01. Envelope 02. **São Miguel das Missões, RS. Chafariz. [Comunicado Interno nº291/85 – DTC/SPHAN]**. De Fernando Machado Leal para Arq. Cyro Lyra. Rio de Janeiro: 21 de maio de 1985.